

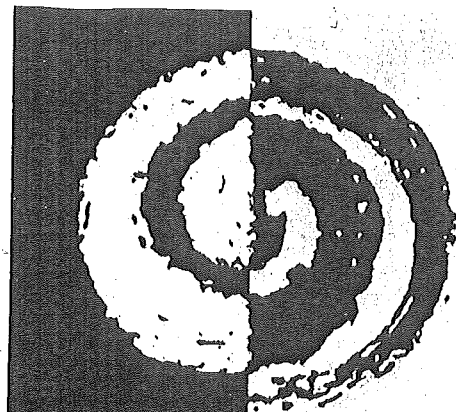
GOVÉRNO  
DO  
ESTADO DO PARANÁ

**PRÁTICA DE ENSINO  
NAS  
ESCOLAS NORMAIS DE GRAU COLEGIAL**

376733  
P23  
PRA

**DO DOS NEGÓCIOS DE EDUCAÇÃO E CULTURA**

Sugestões para o planejamento da  
PRÁTICA DE ENSINO nas Escolas  
Normais de Grau Colegial.



**UEPR**

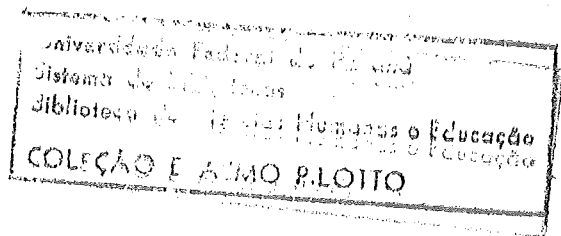
COLEÇÃO  
ERASMO PILOTTO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ  
SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DE EDUCAÇÃO E CULTURA  
Nº. 19 1964

BC/HE - CIENCIAS HUMANAS  
HE-COLECAO ERASMO PILOTO - DOACAO  
Cr\$ 10,000.00 0.00

Termo No. 423/94 Registro:224,848

12/07/94 HE 77 311 / 97



**Governo do Estado do Paraná**

Governador do Estado

**NEY BRAGA**

Secretário de Estado dos Negócios de

Educação e Cultura.

**VÉSPERO MENDES**

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS

Diretor: **Ada Montrucchio Gineste**

DIVISÃO DO ENSINO MÉDIO E SUPERIOR

Chefe: **Maria Carolina Delay**

MEMBROS : **Maria Ignez Guimarães**

**Vera Marinho Diniz**

**Zoê de Azevedo**

**Nicla Tonso Fabiani**

**Herédia Medeiros Ferreira**

**Thereza Souza Costa**

PR-00011502-7

É fato incontestável que da atuação de mestres qualificados, da dedicação e do devotamento destes, aliados à ação educativa da comunidade depende a formação do educando como cidadão. Decorre deste princípio, este zelo, este cuidado que o Ensino Normal sente especificamente pelo setor da Prática de Ensino, com a preocupação constante de enriquecer a vida docente, afinar a sensibilidade humana dos alunos-mestres e promover a formação pedagógica da normalista a fim de capacitá-la para atuar eficazmente no magistério.

Ninguém mais e melhor que o Professor de Prática de Ensino deve valorizar e dignificar através de sua personalidade e atitudes a função do professor, quer em suas relações pessoais, quer em sua atividade profissional. No ambiente escolar é ele acima de tudo, por sua experiência vital no ensino, o responsável mais decisivo pelo crescimento profissional das normalistas; graças a sua eficiente atuação ter-se-á uma Prática de Ensino bem planejada, orientada e controlada.

Assim, tendo em vista a tamanha responsabilidade do professor desta disciplina pedagógica na importante formação profissional do professor primário, nosso propósito é, em rápidos capítulos, apresentar um trabalho que possa contribuir com sugestões práticas para a eficiente ação de nossas Escolas Normais. A nós todos, professores em exercício nas Escolas Normais, cabe a tarefa de fazer de nossa Escola, um campo de observação e experimentação pedagógica, sempre num ambiente de trabalho cooperativo de ideal, amor e fé para que alcancemos o objetivo da formação profissional sadia de nossos futuros professores do Curso Primário e, possamos, de alguma maneira, poupá-los de muitas falhas cujas conseqüências êles e seus alunos poderiam sofrer por deficiência de orientação do trabalho escolar.

Aproveitando ainda esta oportunidade, tomamos a liberdade de solicitar às Sras. Professôras de Didática e Prática de Ensino de nossas Escolas, nos seja enviado no final deste ano, o título de sugestão, que para nós será de grande valia, para estudos e divulgação, um resumo ou rápido relatório das atividades que foram desenvolvidas na Prática de Ensino.

## I — CONCEITO, OBJETIVOS E IMPORTANCIA DA PRÁTICA DE ENSINO

A Prática de Ensino é essencial na preparação dos futuros professores.

Tem por objetivos levar o aluno-mestre a:

- cultivar boas relações humanas com a comunidade escolar;
- cultivar sua personalidade profissional;
- aplicar, na prática de ensino, os princípios de filosofia da educação nacional;
- formar um sadio conceito das funções, tarefas, atividades e responsabilidades do magistério;
- interessar-se, cada vez mais, nos problemas ligados à criança para a orientação de sua aprendizagem e educação;
- adquirir técnicas específicas de ensino.

É a Prática de Ensino uma das áreas de maior responsabilidade na formação do professor e ela poderá alcançar realmente seus objetivos se fornecer bases suficientes para a vivência do futuro professor. Ora, qual é a matéria prima com a qual vai trabalhar o professor primário? Para que tanta preocupação, tanto esmero com a formação profissional do professor?

É justamente a **criança** o ponto central de toda sua obra educativa, a resposta que cabe a ambas as perguntas formuladas, é o ponto pois, em torno do qual devem gravitar todas as atividades de nossas alunas-mestras.

Ora, é certo que não se pode ter o **conhecimento** necessário para **conduzir, educar e instruir** a criança, nem lhe compreender as naturais reações, sem o contato direto com essa criança

na sala de aula, no pátio de recreio, no ambiente onde ela vive. E quanto mais variada fôr essa experiência colhida pela aluna-mestra, tanto mais orientação receber, tanto melhor e maior será seu preparo, sua formação profissional de professor primário.

Para que lhe seja proporcionada essa experiência, o professor de Didática e Prática de Ensino terá o dever de fornecer o quanto possível, aproximação dêsse binômio aluno-mestre e criança-aluno, onde nosso estudante seja levado a **observar, participar** e, ainda, assumir a responsabilidade da **direção de classe** tantas vêzes, quantas forem as possibilidades que o meio escolar oferecer. Tão abrangente é a Prática de Ensino numa Escola Primária (Escolas de Aplicação, principalmente) que, quando eficiente, chega a afetar a vida escolar do Estabelecimento.

## II — ATRIBUIÇÕES DO PROFESSOR DE PRÁTICA DE ENSINO

A direção da Prática de Ensino nas Escolas Normais não se limita apenas às normalistas: é tarefa complexa pois, envolve crianças, professores regentes de classe, assistentes técnicos, orientadores dos Cursos Normal e Primário, enfim, toda a equipe atuante na escola.

A Prática de Ensino não é, portanto, trabalho isolado, mas acima de tudo, uma conjugação de esforços para planejamento, execução e controle, com responsabilidades divididas e inteligentemente coordenada pelo professor de Prática de Ensino.

Por conseguinte, um curso de Didática e Prática de Ensino será realmente eficiente, se o professor desta cadeira, visando sempre levar o estudante a atingir certos padrões de «sentir», «agir» e «pensar» indispensáveis ao magistério, conseguir, liderar, por assim dizer, um trabalho de Prática de Ensino, essencialmente cooperativo, num ambiente de boas relações humanas, num clima moral e psicológico favorável ao espírito de colaboração.

Vários meios podem ser utilizados pelo Professor de Prática com o objetivo de melhorar o ensino, de estimular e orientar o crescimento profissional das normalistas e professores da Escola de Aplicação. Antes de tudo porém, o indispensável é que o pro-

fessor de Prática procure ganhar a confiança e simpatia das pessoas com as quais vai desenvolver seu trabalho. Somente assim, será o líder **natural**, e **ideal** para sua equipe de trabalho.

## III — PLANEJAMENTO DO CURSO DE PRÁTICA DE ENSINO

Levando-se em consideração esta valorização da Prática de Ensino, torna-se necessário a «previsão inteligente e bem calculada de todas as etapas do trabalho escolar e a programação racional de todas as atividades das normalistas e toda a equipe da escola, cada qual dentro do seu setor funcional, de modo a tornar o ensino seguro, econômico e eficiente». Eis aí pois a necessidade de um Planejamento onde, num programa definido de ação, a Escola Normal possa conduzir os alunos progressivamente, aos resultados desejados.

O planejamento é:

- a. a primeira etapa obrigatória de um trabalho;
- b. uma exigência taxativa da ética profissional;
- c. um recurso de controle administrativo.

Decorre dessa convicção, que seja indispensável, uma reunião do Diretor da Escola Normal com o Professor de Prática, o Assistente Técnico e o Diretor da Escola de Aplicação para que planejem juntos, o curso de Prática de Ensino que será desenvolvido no ano letivo que se inicia. A Prática de Ensino, sem dúvida poderá trazer dificuldades de ordem administrativa ou sentir-se prejudicada em seu desenvolvimento, se não fôr convenientemente planejada, observando-se a sincronização de seus estágios com as atividades tanto da Escola Normal como da Escola Primária. Neste planejamento tudo deve estar previsto: objetivos, métodos, etapas de trabalho, local, horário, organização dos pequenos grupos de estagiários, matérias, desenvolvimento de currículos, possibilidades, limitações, etc. Para a boa previsão de trabalhos de Prática de Ensino, logo no início do ano, nesse encontro administrativo, são problemas que essencialmente devem ser previstos:

- a. o funcionamento em períodos diferentes da Escola Normal e sua Escola de Aplicação;
- b. o número de classes primárias que deverão funcionar a serviço da Prática de Ensino e seu respectivo horário

de maneira que não traga incompatibilidade à boa marcha dos trabalhos.

Essa é uma das tarefas de planejamento cooperativo em que as direções terão uma decisiva atuação.

Quanto ao planejamento do estágio de Observação, Participação e de Direção de Classe, seu esquema de distribuição estará em função do número de classes primárias e dos objetivos do responsável por esse trabalho, professor de Prática de Ensino ou Assistente Técnico, sempre num entrosamento perfeito com a administração da Escola de Aplicação ou outra Escola Primária, se for o caso.

#### IV — COMO ORGANIZAR A PRÁTICA DE ENSINO

##### Considerações Gerais:

Ao se iniciar as atividades práticas desta disciplina cabe à professora de Didática fornecer os esclarecimentos indispensáveis para que as alunas se situem dentro dos objetivos do curso e sejam assim psicologicamente preparadas para se iniciarem nas primeiras atividades inerentes ao magistério e se familiarizarem paulatinamente, com os diferentes estágios da Prática de Ensino e ambiente escolar, onde vão atuar.

A atual orientação prevê a organização da Prática de Ensino em três estágios: observação, participação e direção de classe.

Vamos focalizar ligeiramente cada um deles no sentido de sugerir algumas atividades que poderão ser desenvolvidas.

##### 1. PERÍODO DE OBSERVAÇÃO

###### a. Para que observar?

A observação num programa de Prática, tem por fim sobretudo, levar o aluno-mestre a sentir e a compreender as reações da criança, individualmente e no grupo, a familiarizar-se com os métodos e técnicas de ensino, observar e avaliar os resultados dos seus diferentes tipos, integrar-se nos aspectos administrativos que influem mais diretamente no trabalho de classe.

Sendo assim, o praticante estabelece contatos com todas as fases do trabalho escolar e através da observação, ele terá

oportunidade de verificar como os professores conduzem o ensino e a aprendizagem das crianças no sentido de, além de dar-lhes os conhecimentos, fornecer-lhes subsídios para a formação sadia de bons hábitos, atitudes, sentimentos, etc.

###### b. Quando observar?

A observação dentro da cadeira de Didática e Prática de Ensino nas Escolas Normais de Grau Colegial, deve se iniciar logo na 1ª série do curso, e os itens constantes das fichas-roteiro (cada aluna deverá ter a sua), devem corresponder e decorrer do assunto teórico que deve estar sendo desenvolvido nas aulas de Didática desta série. As fichas terão seu conteúdo aumentado progressivamente, à medida que os assuntos se desenvolvem e seus dados devem ser transpostos para uma ficha geral de registro para estudos comparativos da aluna-mestra.

Já no início do 2º semestre do 1º ano, os alunos-mestres deverão ser levados ao exercício da observação paralelamente ao estágio de participação, ora revezando grupos, ora distribuindo-os igualmente para a mesma tarefa (observação e participação), de acordo com as necessidades e conveniências das atividades que estarão sendo desenvolvidas. (vide fichas enviadas como sugestão).

No primeiro e segundo semestre do 2º ano o estágio de observação e participação pode e deve continuar a ser desenvolvido porém, já as alunas terão de se iniciar na fase propriamente dita da direção de classe, praticando a técnica da Didática Especial que lhe vem sendo ministrada.

Na 3ª série, as alunas-mestras deverão:

- continuar a observar as aulas ministradas por suas colegas e professores da Escola de Aplicação;
- participar com maior intensidade nas atividades desenvolvidas em classe;
- dirigir classes, o maior número de vezes possível.

Como se vê, a observação se desenvolve através de todas as séries do Curso Normal, atendendo à necessidade do convívio direto do aluno-mestre com as crianças nas salas de aula, no pátio de recreio, com a família, possibilitando àquêle, maior conhecimento de sua individualidade a fim de melhor condicio-

nar o ensino. A observação é o principal método de estudo do comportamento e das atitudes das crianças.

Observações simples e isoladas não apresentam valor decisivo para conclusões significativas e de valor para a atuação docente. Entretanto várias e múltiplas fichas de observação preenchidas em ocasiões várias e em tempo diverso (período o mais amplo possível), podem e devem ser comparadas, para o devido julgamento. Assim esse registro cumulativo de dados relativos ao comportamento (se possível nas três áreas de observação: classe, recreio e fora da escola) das crianças, tornam a tarefa mais fácil e as observações mais apuradas, porque oferecem amostras mais amplas do comportamento do observado. Este registro sistemático de observações deverá se destinar não só a fins de experiências de observação e respectivo estudo da aluna-mestra, como também para uso da professora, da criança e, posteriormente ainda, será uma valiosa contribuição para quem for dirigir a atividade do observado em graus mais elevados na mesma escola.

O que importa no caso da função docente comum em relação aos dados colhidos nas fichas de observação é conhecer os problemas que podem surgir em sala de aula em razão do desajuste de crianças à situação de aprendizagem. Isto significa que à medida que se desenvolvem os trabalhos de observação, o professor de Prática deve ter em vista conduzir progressivamente as alunas-mestras ao registro sistemático de dados e fatos relativos às diferenças de comportamento de todas as crianças de uma classe e, após situadas através desses dados as crianças problemáticas (estas serão na realidade docente aquelas que, embora sejam em menor número numa sala de aula, as que mais dificuldades oferecerão para a aprendizagem) focalizar a atenção e estudos especialmente a elas. As normalistas serão assim alertadas e levadas às experiências e conclusões as mais diversas e importantes. Estarão preparadas para lançar mão de recursos que lhes permitirão estar sempre conscientes dos problemas e dificuldades infantis.

#### c. Onde observar?

As atividades de classe podem oferecer às nossas alunas das Escolas Normais quatro tipos principais de experiências:

1. experiências processadas na aprendizagem das matérias escolares (leitura, escrita, linguagem oral, estudos sociais, etc.);
2. experiências de trabalho em grupo tais como atividades de planejamento, discussão, cooperação em uma unidade de trabalho, excursões, atividades recreativas, etc.;
3. experiências estéticas como música, canto, poesia, desenho e experiências recreativas em atividades teatrais, de trabalhos manuais, etc.;
4. experiências de atividade individual.

#### d. Como planejar o período de observação?

É indispensável que ao se iniciar este período, o professor de Prática planeje bem a distribuição do trabalho, dos alunos no ambiente que vão observar e ainda prepare a turma quanto:

- à atitude que o aluno deve manter desde que deixa sua classe, até o local determinado para a observação e o retorno;
- à tomada de contato com o ambiente do local em questão;
- à neutralidade que deve manter no decorrer da observação a fim de não perturbar o andamento dos trabalhos;
- ao apontamento discreto para preenchimento dos itens do questionário organizado e outras anotações pessoais.

## 2. PERÍODO DE PARTICIPAÇÃO

### a. Para que participar?

O estágio de participação oferece oportunidade para uma aproximação maior entre estagiário, professora efetiva e alunos. A aluna-mestra participando, ora em grupo, ora individualmente, das atividades desenvolvidas nos diversos setores da escola primária, irá, conforme a natureza da atividade, o tempo disponível, as possibilidades pessoais e os objetivos diversos constantes do planejamento dessas mesmas atividades,



pouco a pouco, adquirindo habilidades de planejamento, habilidades e experiências de execução; assim, de uma maneira suave, gradual, quase imperceptível, sem nenhum problema emocional, e com uma bagagem de experiências tal que permita a ela sentir-se segura e confiante, vai entregando-se às atividades próprias de direção de classe. Este período de participação será o período de transição entre a fase passiva da observação e a seguinte que é essencialmente ativa: direção de classe.

#### b. Quando e como participar?

A participação é fato que na orientação da Prática de Ensino, se inicia gradualmente já no início do 2º semestre do 1º ano e se prolonga cada vez, exigindo maior atuação da aluna-mestra até o final do curso. Tem sua fase intensiva no 2º ano, quando a aluna, já desejosa de «dar aulas» ou escalada, inicia a direção de classe propriamente dita.

Enquanto no estágio de observação a aluna-mestra apenas meio passivamente se familiariza com o ambiente (na sala de aula, no recreio, fora da escola) já no período de participação o professor regente de classe trabalha diretamente com as crianças individualmente ou em grupos, através de atividades variadas, dosadas e planejadas, agora já nesta segunda etapa de nossa aluna-mestra, trabalha também diretamente com a criança porém não assume ainda a direção do trabalho de classe para ministrar aulas propriamente ditas. Ela participará das inúmeras atividades planejadas e também do próprio planejamento de acordo com as incumbências que receber. (vide anexo sugestões para o período de participação).

### 3. PERÍODO DE DIREÇÃO DE CLASSE

#### a. Em que consiste o período de direção de classe?

O período de direção de classe é a terceira etapa das atividades da aluna-mestra na Prática de Ensino; é o período em que a aluna, por um tempo pré-estabelecido, assume a direção de uma classe para executar seu plano de aula a fim de se auto-afirmar na função docente. É uma situação em que a

atuação vai decorrer de sua personalidade profissional; nesta oportunidade ela porá em prática as técnicas, os processos, os recursos auxiliares do ensino, etc. para, de acordo com sua capacidade criativa, revelar-se, expandir-se, demonstrando assim suas possibilidades.

#### b. Quando iniciar o período de direção de classe?

Este período deverá se iniciar no segundo semestre da 2ª série do curso normal de grau colegial e se estender até o término do curso, com um cunho eminentemente prático; a cada aluno-mestre dar-se-á o máximo de oportunidades para assumir a direção de classe, em aulas correlacionadas e globalizadas, de acordo com a Didática especial das séries, a fim de que encontre várias situações e possa pôr em prática, no momento oportuno, a orientação recebida durante as aulas teóricas.

#### c. Planejamento cooperativo

A falta de um **entrosamento** cooperativo entre as duas organizações escolares (Primária e Normal), a falta de um **planejamento** cooperativo entre aluna-mestra e professora regente de classe da Escola de Aplicação (períodos de observação, participação, direção de classe e regência de final de curso) origina problemas, que vão conseqüentemente afetar o ensino. Não é bastante à aluna-mestra, entender-se com o professor de classe sobre os assuntos da aula a ser ministrada; é necessário que ambos, antes do estágio, planejem cooperativamente, a fim de que não se quebre o ritmo do trabalho. Fundamenta-se aqui a sugestão que oferecemos neste particular: na sala onde a aluna vai executar um planejamento de aula, deverá estagiar anteriormente por 2 ou 3 ocasiões para que a turma se ambiente com ela e ela, reciprocamente. É preciso que não se perca de vista que a escola tem um objetivo a atingir e todos — professor de classe, estagiários, professor da Escola, diretores — são diretamente responsáveis.

É indispensável, portanto, um harmonioso planejamento entre professores da Escola de Aplicação e estagiária.

#### d. O plano de aula e sua técnica

Embora haja ainda muita discussão da parte de educadores a respeito da técnica de planejamento didático, todos são unânimes em considerá-lo imprescindível na eficiência do ensino.

Levando-se em consideração as experiências adquiridas pelas alunas durante os períodos de **observação** e **participação**, já nesta fase de direção de classe (3ª etapa), a aluna estará capacitada a identificar os pontos fundamentais de uma aula. Assim, a habilidade do professor de Prática levará a classe a organizar o esqueleto de um plano de aula, através de uma orientação inteligente e pré-estabelecida de maneira que essa elaboração seja como que uma «descoberta» das alunas, para eficiência docente. Os pontos positivos e negativos das aulas observadas serão os elementos em torno dos quais se levantarão os quesitos de um plano de aula. Lembrem-se os nossos Professores de Prática que é a «redescoberta» a técnica que mais condiz à psicologia de nossas normalistas adolescentes. O problema deverá ser levantado e as alunas serão orientadas para chegarem aos objetivos propostos pelo Professor de Prática de Ensino cuja aula terá como tema a elaboração de um plano de aula.

Bem claros e definidos os propósitos ventilados na aula de Didática, determinada a disciplina e assuntos que vão ser tratados dentro do plano de trabalho da professora-regente, ainda vários problemas básicos exigirão da aluna-mestra, que deverá ser alertada para uma detida previsão e cuidadoso planejamento, tais como:

- quais os objetivos mais valiosos a serem alcançados através da matéria a ser ensinada, da capacidade do aluno aprender e do tempo disponível para esta aula;
- quais os dados da matéria que conduzirão aos objetivos em pauta;
- em que grau de extensão e profundidade deverão ser tratados;
- qual a sua dosagem, qual a sua relação com as outras disciplinas do currículo da série;
- qual o método, técnicas e procedimentos que melhor atenderiam às necessidades e possibilidades da turma,

levando-se sempre em consideração o atendimento às diferenças individuais;

- quais os meios auxiliares e intuitivos, a serem empregados, quando e como? Quais os recursos audio-visuais, os livros didáticos a utilizar, qual a melhor maneira de utilizá-los;
- quais as instruções e normas práticas a serem fornecidas aos alunos para seu estudo e melhor aproveitamento;
- quais as tarefas e trabalhos práticos a serem propostos para assegurar a concretização dos objetivos em mira;
- quais serão os processos de avaliação do rendimento escolar mais funcionais.

Estes e muitos outros são os problemas que afloram na prática a todo o professor consciente de sua responsabilidade, quando em situação de planejamento de aula.

Assim é que no equacionamento dos elementos componentes de um plano de aula (objetivos formativos e informativos, tema, métodos, processos, material didático, critérios de julgamento, etc.) o aluno-mestre terá que, antes de tudo procurar a professora regente de classe onde irá executar este plano e inteirar-se do assunto que deverá tratar em sua aula, o que naturalmente estará já constando no plano de trabalho de classe de sua regente. Esta aula não será «avulsa», esporádica, isolada por assim dizer, porém parte integrante de um todo que é justamente aquele planejamento feito pela professora regente. Sejam estas aulas dadas pelas alunas dentro das disciplinas, cuja orientação didática (especial) consta da programação do ano em curso, de u'a maneira perfeitamente correlacionadas entre si; assim uma aula de linguagem poderá funcionar perfeitamente como uma fase preparatória ao estudo de um assunto nos Estudos Sociais, que será dada como num só todo, de forma que as normalistas já possam sentir, na realidade, as vantagens e a técnica de aulas entrosadas em torno de determinados objetivos, a que se propuseram atingir, como aconselha a Didática Moderna e se preparem para uma atuação mais eficiente quando no exercício efetivo de suas futuras funções.

### e. Manejo de Classe

Além dos pontos visados no planejamento de uma aula a aluna-mestra deverá preocupar-se com a maneira de pôr em execução esse planejamento, de forma a manter na classe uma atmosfera propícia à aprendizagem, que tenha ela sempre a preocupação de criar um ambiente físico e psico-social que vá facilitar melhores relações sociais e desenvolver bons hábitos de trabalho, a fim de que seja sempre dada às crianças a oportunidade de formarem seu caráter e firmarem o senso de responsabilidade. Sejam sempre precípuos em tôda a aula dada, os objetivos formativos e a preocupação com o manejo de classe no sentido de prevenir (manejo preventivo) para educar (manejo educativo) e jamais ter necessidade de lançar mão do manejo corretivo.

A atuação do professor quanto à formação do educando, dentre outras exigências também importantes, no que se refere ao manejo de classe, deve levar a aluna-mestra a:

- ter claro o objetivo a atingir;
- saber conservar a classe sempre ocupada, criando nos alunos o legítimo interesse pelos trabalhos escolares;
- ser professor de todos: assistir as atividades individuais ou dos grupos de crianças de acôrdo com as suas necessidades, porém cuidar mais dos fracos, pois os fortes cuidarão de si mesmos;
- saber distribuir os encargos de classe entre os alunos, em função da responsabilidade;
- apreciar e valorizar o esforço dos alunos na execução dos trabalhos como incentivo;
- variar a apresentação dos exercícios e tarefas de maneira interessante para a fixação da matéria;
- preocupar-se em não trabalhar pelo aluno mas em orientá-lo para trabalhar sozinho: «o professor não ensina, ajuda o aluno a aprender»;
- fazer sempre a sondagem das condições de aproveitamento dos alunos antes de lançar assunto novo;
- ver no programa um meio para atingir os objetivos: educar instruindo;

- capacitar-se a sentir que os objetivos visados para as alunas foram alcançados.

### 4. REGÊNCIA DE CLASSE

Este período na Prática de Ensino é complementar às etapas anteriores da Prática de Ensino: observação, participação e direção de classe. De nada valerá à aluna, o período de Regência propriamente dito no final do 3º ano do curso, se não tiver sido inteligentemente preparada pela professora de Prática de Ensino, isto é, levada progressivamente, através dos períodos já citados, a esta última fase de maneira que sua situação emocional aceite sem nenhum trauma ou desequilíbrio de comportamento a situação real da continuidade de atividades docentes de regência de uma classe, na vida docente.

### V — INSTRUÇÕES PARA A AVALIAÇÃO

Avaliar é sondar e verificar valores para um determinado objetivo. É de tamanha importância e responsabilidade para o professor de Didática o trabalho de julgamento, de avaliação da atuação e aproveitamento escolar do aluno-mestre, que achamos conveniente alinhar nestas Instruções, algo que venha em auxílio de nossas Escolas Normais.

Nas atividades de Prática de Ensino, não é só o conhecimento e a didática da transmissão desse conhecimento, que deverão ser observados no aluno-mestre, porém, mui principalmente, a atitude, a personalidade profissional, a originalidade, o entusiasmo pelo magistério, a expressão correta do pensamento, a adequação da linguagem e outros itens importantes (vide nossa sugestão em fichas), necessitam também ser levados em consideração. São estes valores que devem ser cultivados e orientados no período prático, da Prática de Ensino. Mais do que a preocupação em medir e avaliar o aluno-mestre para a escrituração dos livros competentes, nossos professores de Didática têm a incumbência indispensável de colher as fichas de julgamento que foram preenchidas, auto-críticas, relatórios, etc., apresentados para, num trabalho de crítica construtiva, incisiva e concludente, mostrar e discutir as falhas,

samar as dificuldades, estudar os recursos de solução para os problemas surgidos durante a observação, participação ou direção de classe.

Em síntese, a avaliação deve contribuir para o progresso do estudante, do professor, da sala de aula, do Assistente Técnico, da Professora de Prática, da Escola de Aplicação e da Escola Normal.

Nossos alunos-mestres deverão adquirir uma atitude profissional definida. Todo comentário terá caráter natural. Apreciar com lealdade, dependência, responsabilidade, cortesia. Não deve haver a intenção de censurar quem quer que seja, mas apreciar construtivamente o trabalho de determinada pessoa para o aperfeiçoamento de cada um.

Muito importante é a necessidade de um horário reservado, para troca de idéias entre alunos-mestres, sob a orientação do professor de Prática, a respeito do que observaram, sentiram e de suas experiências, dúvidas e problemas encontrados no contato com as turmas.

A avaliação inclui, como já dissemos, a verificação de valores que nós procuramos para nossa aluna-mestra. Ora, nossa aluna está sujeita ao julgamento de muitas pessoas, prof. de Prática, professores, diretor, crianças, colegas, pais de alunos. Deve por isso mesmo estar orientada para receber êsse julgamento, aceitá-lo e valer-se dêlo para modificar-se o aperfeiçoar-se.

A avaliação do trabalho da estagiária deve ser feita através de variados processos que forneçam elementos para essa avaliação, dentre os quais haja os que possam realmente contribuir para a modificação desejada.

Já sabemos que a avaliação da estagiária não deve ser feita exclusivamente pelo professor de Prática; o professor de classe desempenha significativo papel na avaliação da aluna, e os modelos de fichas aqui sugeridos podem ser utilizados pelo professor de classe de demonstração.

#### AUTO-AVALIAÇÃO, FATOR IMPORTANTE PARA O PROGRESSO DA ALUNA-MESTRA

A avaliação é um sistema intencional de verificação com

o objetivo de tornar a aprendizagem mais efetiva. Esta verificação necessita ser realizada por todos aqueles envolvidos na tarefa de ensinar. Mas é ao aluno-mestre que toca de maneira fundamental, pois incide sobre o aperfeiçoamento de seu próprio trabalho e sua personalidade profissional.

Manter o espírito de auto-julgamento imparcial do trabalho que realizar é, evidentemente, o que se pretende conseguir das nossas estagiárias. É necessário que ela seja leal consigo mesma, que não se desencoraje se houver pontos negativos no seu trabalho. O importante é que procure melhorar num crescente progresso as suas próprias qualidades pessoais e profissionais. Se isso ocorrer, é sintoma de que nosso aluno-mestre estará «crescendo».

É certo que para se reconhecer êsse progresso, necessário se torna darmos oportunidade para essa auto-avaliação, no limiar e no decorrer do curso. A professora de Prática deve, pois, desenvolver na estagiária a habilidade para sua auto-avaliação.

Sugerimos um modelo de ficha de auto-avaliação que poderá ser utilizado durante todo o estágio de direção de classe. O confronto entre sucessivas auto-avaliações será o «termômetro» para medir os pontos fortes e as limitações, o esforço no sentido de melhorar, o maior ou menor progresso — tudo isso como determinante de um «crescer».

#### IMPORTANCIA DE DEMONSTRAÇÃO DE UM BOM ENSINO

O professor regente da classe que serve à prática das professorandas, além de educar e instruir aos seus alunos, tem por função lidar com as professorandas que são designadas para a prática na sua classe, demonstrar-lhes aulas em ambiente natural e cotidiano, determinar-lhes meios para o seu crescimento profissional de acordo com a orientação geral do trabalho de Prática de Ensino. São atribuições estas tão amplas, profundas, variadas e cheias de responsabilidade que, somente professores de reconhecida experiência e capacidade profissional deverão ser selecionados para as classes em que vai se desenvolver a Prática de Ensino.

As classes de Escolas de Aplicação existem a serviço das Escolas Normais e têm como função a demonstração da prática

de um bom ensino para ser assim o verdadeiro laboratório de nossas alunas-mestras. Se desejamos realmente proporcionar às nossas alunas formação pedagógica tanto quanto possível prática, temos o dever de levá-las a observar a demonstração funcional da aplicação das técnicas de ensino que estiverem em estudo teórico. Se, por exemplo, na Metodologia da Aritmética o assunto é aprendizagem das frações ordinárias, vamos orientar a observação nas classes de demonstração, de uma das etapas do ensino de frações; se no campo da Metodologia da Linguagem, estamos fornecendo as bases técnicas a respeito das atividades relacionadas ao ensino da leitura, no período inicial, é indispensável e essencialmente complementar que os alunos sejam levados a observar uma aula em que se desenvolvam essas atividades. Não se exige e nem se espera mesmo que as demonstrações sejam perfeitas mas toda demonstração deve resultar em algo proveitoso para os observadores.

Além da apreciação da aula de demonstração, que tem por objetivo a demonstração do bom ensino e, conseqüentemente, melhorar sempre as condições desse ensino em proveito dos praticantes e das próprias crianças, mister se faz o planejamento de encontros entre Professor de Prática e professor de demonstração, para que sejam discutidos francamente os pontos fortes e fracos da aula e encontradas sugestões para melhoria do trabalho futuro.

## CONCLUSÕES

Quais são as conclusões que decorrem das considerações feitas?

Quais as idéias principais?

1. A Prática de Ensino é disciplina básica e se fundamenta na ação cooperativa.
2. A base de uma coordenação efetiva de Prática de Ensino reside no estabelecimento de boas relações humanas. Ela é um estado de mútuo entendimento, simpatia e cooperação cujo alvo é a melhoria do ensino.
3. É indispensável a inteligente integração do trabalho da Escola Normal e da Escola de Aplicação para que haja harmonia no trabalho docente com o propósito de alcançar os mesmos objetivos gerais.
4. Cada pessoa envolvida na Prática de Ensino deve ser conhecedora de suas obrigações, direitos e limitações, pois, é um trabalho em que todos precisam agir de comum acôrdo e ninguém pode estar alheio a seus deveres.
5. O êxito de qualquer planejamento está em função de quem o executa.
6. Necessidade da seqüência dos estágios na Prática de Ensino com o objetivo de dar à aluna-mestra maior segurança emocional e capacidade no manejo de classe.
7. Preocupação com a formação de valores, atitudes, hábitos para a formação profissional do aluno-mestre.
8. Desenvolvimento da sensibilidade da aluna-mestra no sentido de atendimento às diferenças individuais.
9. A aluna-mestra espera converter-se em bom mestre. O Professor de Prática deve guiá-la, orientá-la para aqui.

sição de habilidades desejáveis ao eficiente exercício do magistério.

10. Levar a aluna-mestra a alcançar e compreender as responsabilidades do magistério, através da experiência.
11. Dar oportunidade à aluna-mestra de, através do seu trabalho, revelar a sua capacidade criadora.

### ESTÁGIO DE OBSERVAÇÃO

Atitude da aluna-mestra durante a observação.  
(ética profissional)

1. Esforçar-se por não chamar a atenção de sua pessoa;  
— evitar conversar e rir durante a observação;  
— entrar e sair da sala em silêncio;  
— não interromper o trabalho da classe;  
— não chegar tarde;  
— vestir-se com propriedade.
2. Permanecer na sala até o fim do prazo estabelecido.
3. Evitar fazer julgamento apressado da situação.
4. Evitar vigiar demasiadamente a criança.
5. Tomar notas discretamente.
6. Não participar das atividades da aula, sem ser solicitada pela regente.

### ROTEIRO MINIMO DE OBSERVAÇÃO

#### I — Ambiente físico da classe

1. A sala de aula:
  - a. tem área adequada ao número de alunos?
  - b. é bem iluminada?
  - c. é suficientemente arejada?
  - d. o mobiliário é adequado e suficiente?
  - e. a arrumação das carteiras é funcional?
2. A localização da sala de aula em relação ao resto da escola é favorável, ou o trabalho nas demais dependências perturba o da classe observada?
3. O deslocamento dentro da sala de aula é feito facilmente, ou para que os alunos se locomovam é necessário perturbar os outros?

4. O quadro negro oferece boas condições de visibilidade para todos os alunos?
5. Os alunos estão dispostos em fila ou distribuídos em grupos?
6. Qual a atitude das crianças em relação à sala de aula:
  - a. picam e jogam papéis no chão? Fazem ponta no lápis fora da cesta?  
Rabiscam as carteiras?
  - b. zelam pela sua limpeza e arrumação? Trazem pequenos enfeites e vasos com plantas? Sugerem ornamentação para as paredes? Quais?
7. De um modo geral, parece sentirem-se com conforto na classe?
8. Registre aqui, qualquer outra observação que você tenha feito e que não conste desta ficha. Ela poderá ser muito útil para o seu trabalho futuro.

#### II — Relação das crianças entre si na classe.

1. As crianças são, umas com as outras, na sua matéria:
  - a. alegres?
  - b. cordiais?
  - c. espontâneas?
  - d. prestativas?
  - e. interessadas?
  - f. ajustadas?
2. As crianças já demonstram preferência acentuada por companheiros do mesmo sexo? Há animosidade aparente ou latente entre crianças ou grupos dentro da sala de aula? (entre crianças do mesmo sexo? entre as de sexo diferente? entre as crianças da mesma cor? entre as crianças de cor diferente?).
3. Há alunos que procuram, com frequência, colegas de outros grupos para conversar, brincar, pedir material emprestado?
4. Você observou na sala pequenos grupos (de duas, três crianças) que se mantêm distantes, isolados do resto da turma?

**Nota:** Se você fez outras observações que não constam do ques-

tionário, registre-as. Elas poderão trazer valiosa contribuição para o nosso trabalho.

### III — Relações das crianças entre si no recreio.

1. Há recreio único para todas as turmas do mesmo turno ou o recreio é separado?
2. As crianças merendam na sala ou no refeitório?
3. Há algum critério para as crianças sentarem-se no refeitório? Qual?
4. Que impressão as crianças lhe dão dentro do refeitório?
  - a. alegres?
  - b. boa disposição?
  - c. má disposição?
5. Há alguma distinção, dentro do refeitório, para as crianças que recebem merenda gratuita? Qual?
6. No recreio, as crianças brincam livremente ou as atividades são dirigidas? No primeiro ou segundo caso, nota alguma separação (de sexo, de idade, situação econômica, cor ou outra)?
7. Observe se há algum jogo ou brincadeira que não seja permitido pelo regimento da escola. Repare se as crianças burlam essa proibição e que crianças o fazem?
8. Há crianças que procuram ficar sempre próximas da encarregada do recreio ou que fazem queixas? Quais?
9. Há crianças que absolutamente não brincam? Quais? Por que se comportam deste modo?
10. Como as crianças reagem ao sinal de término de recreio?
  - Afastando-se para bem longe?
  - Gritando intensamente?
  - Agitando-se?
  - Aquietando-se e encaaminhando-se para a forma?

**Nota:** Quaisquer outras observações que você tenha feito, deverão ser registradas aqui.

### IV — Relações entre professor e aluno

1. Os alunos iniciam as atividades escolares com alegria

e disposição para o trabalho? Têm atitude de colaboração com a professora?

2. A professora manifesta cordialidade para com as crianças, apreciando:
  - a. As de bom comportamento?
  - b. As de bom rendimento escolar?
  - c. As de boa apresentação e aparência?
  - d. Indiscriminadamente?
3. Os meios comuns que a professora usa para corrigir as crianças são:
  - a. Os elogios, recompensas e outras formas de gratificação?
  - b. As advertências verbais?
  - c. A valorização de uma aptidão real que a criança apresenta?
  - d. Outros meios? Quais?

### V — Formação educativa

1. Houve, no decorrer do trabalho, preocupação do professor de favorecer ideais motivadores de:
  - vida sadia e feliz?
  - civismo, patriotismo?
  - senso de responsabilidade?
  - colaboração?
2. Que observou você em relação à formação de atitudes:
  - a. preocupação em desenvolver e reforçar as positivas, sadias e construtivas?
  - b. preocupação em transformar, reduzir, disciplinar e eliminar as negativas, desajustadas e nocivas?
3. Houve, por parte do professor, preocupação em incentivar, inculcar, desenvolver e cultivar a formação de hábitos:
  - a. de higiene física e mental?
  - b. recreativos?
  - c. mentais: de observação, raciocínio, etc.?
  - d. sociais?
  - e. morais?
4. Que observou você quanto ao cuidado do professor em

relação a preferência e aptidões aqui reveladas pelos alunos?

5. Houve oportunidade de observar algum caso de desajustamento? De que tipo?
6. Como influiu no trabalho a personalidade do professor?
7. Observações gerais:

#### VI — Observação fora da escola.

- Que tipo de relações existe entre:
  - pais (pai - mãe)
  - pais e filhos
  - entre os irmãos
  - entre os membros da família
- Ambiente físico do lar:
  - espaço
  - conforto
  - exigência em relação à criança
- Padrão econômico da família.
- Hábitos sociais.
- Religião.
- Composição do grupo familiar.
- Educação e profissão dos pais.
- Horário (de dormir, refeições, etc.).
- Ocupações da criança em casa:
  - divertimento
  - companheiros de brincar
  - responsabilidades
- Uso dos fins de semana e férias.
- Assistência à criança em relação à sua vida escolar.
- Preocupações dos pais em relação à criança.
- Aspirações dos pais em relação à criança.
- Medidas disciplinares usadas com a criança.

#### COMO?

- Através da própria criança:
  - trabalhos escolares
  - conversas

- Através dos registros da escrituração administrativa.
- Contatos rotineiros com os pais:
  - boletins mensais
  - comunicações
- Contatos sociais com os pais:
  - festas escolares
  - campanhas, projetos
  - reuniões com os pais (reuniões de pais e mestres)
- Contatos especiais (para crianças excepcionais)
  - entrevistas individuais
- Visita domiciliar (com atitudes e técnicas recomendáveis)

#### VII — Observação do aluno

- Desenvolvimento físico.
  - peso, altura
  - nutrição
  - estado geral da saúde
  - higiene, asseio pessoal
  - grau de atividade
  - participação em jogos
  - agilidade
  - brinquedos preferidos
  - percepção sensorial (visão e audição)
- Desenvolvimento da linguagem.
  - vocabulário
  - construção de frases
  - participação em discussões
  - defeitos ou dificuldades peculiares
- Desenvolvimento mental.
  - aproveitamento nas matérias
  - atitudes e hábitos de trabalho
  - atividade mental
  - interesses dominantes
  - criatividade
- Desenvolvimento social e emocional.
  - maneiras



- atitudes em relação — aos colegas  
à autoridade  
à professora
- participação em atividades de grupo (inclusive no recreio)
- atitude em relação à disciplina e regulamentos escolares
- temperamento (tensão, ansiedade, crises de choro, tiques nervosos).

### VIII — Observação de deficiências visuais

#### Condições e modos de agir que podem indicá-las

#### 1. Condições

Supuração ou crostas nas pálpebras e cílios.  
Tonteiras.  
Dor de cabeça.  
Enjôos.  
Pálpebras injetadas ou que coçam.  
Pálpebras inchadas.  
Olhos lacrimejantes.  
Tersóis frequentes.

#### 2. Formas de Comportamento

Piscar frequentemente durante a leitura.  
Chorar muito.  
Segurar o livro demasiado longe do rosto durante a leitura.  
Abaixar-se ou levantar o livro durante a leitura.  
Corpo muito tenso quando faz esforço visual a grande distância.  
Desatenção frequente durante os períodos de leitura.  
Desatenção quando se trabalha no quadro-negro, ou com material distante da criança.  
Desatenção durante períodos de excursão ou discussão em grupo.  
Irritação constante durante o trabalho.  
Exigir paradas frequentes durante a leitura.  
Esfregar ou coçar os olhos frequentemente.

Tensão do rosto, caretas, durante a leitura.  
Tensão do rosto, caretas, quando faz esforço visual à distância.  
Fechar ou tapar os olhos quando lê.  
Apertar os olhos para ver à distância.  
Curvar-se para frente, esfoçando-se para ver objetos distantes.  
Inclinar-se para um lado durante a leitura.  
Evita jogos que requeiram bom golpe de vista; por isso, muitas vezes prefere ler durante o período de recreio.  
Tem gestos nervosos, como alisar ou esfregar o material que está lendo ou escrevendo, como se quisesse apagar manchas no texto.

Fonte: Clínica de Leitura da Universidade de Indiana.  
Professora Mabel Culmer.

### IX — Observação de deficiências auditivas

- Condições e modos de agir que podem indicá-las.
- Como favorecer a boa audição na sala de aula.

#### 1. Condições

Dores de ouvido repetidas ou constantes.  
Purgação dos ouvidos.

#### 2. Modos de comportamento.

Virar a cabeça de maneira a ter sempre um dos ouvidos voltados para a pessoa que fala.  
Defeitos de pronúncia: omitir consoantes no meio das palavras, trocar consoantes.  
Ser muito calado. Não participar de discussões.  
Não participar de trabalhos em grupo.  
Tendência fora do comum para devanear.  
Agressividade acima do normal.  
Falar sempre muito baixo.  
Falar sempre alto demais.  
Pedir frequentemente para repetir explicações.  
Perguntar frequentemente «o que?» «que foi?» «hein?».

Parecer desatento a trabalho coletivo ou verbal, embora demonstre boa concentração ao trabalhar sozinho.  
Fazer concha com a mão sobre um dos ouvidos, para ouvir à distância.

### 3. Como facilitar a audição

Nunca falar de costas para as crianças (ex.: ao escrever no quadro negro).

Falar com o rosto voltado para a luz, de modo que as crianças possam ver os movimentos e expressão do rosto.  
Nunca fazer ditados ou preleções andando de um lado para outro.

Usar intensidade razoável de voz, sem gritar.

Articular bem, falar claramente e em ritmo calmo.

Sempre que possível, usar demonstrações para acompanhar a palavra.

Evitar maneirismos e gestos que desviam a atenção das crianças do que está sendo dito.

Interromper-se quando houver ruídos interferindo.

**Em relação à criança que pareça ter deficiência auditiva:**  
Encaminhar a criança a tratamento médico.

Colocá-las nas fileiras da frente (na primeira, o plano de visão da criança fica muito abaixo do rosto da professora, o que dificulta a leitura labial. A segunda fila é geralmente melhor).

Encorajar a criança a perguntar sempre que precisa fazê-lo.

Dar instruções diretamente à criança.

## X — Observação da prontidão para a aprendizagem da leitura e escrita

### 1. Maturidade mental

- É capaz de memorizar uma pequena canção ou um poema curto?
- É capaz de contar uma história, observando a seqüência dos fatos?
- Estabelece relações simples, tais como: folha e árvore — janela e casa?

- Interpreta gravuras, não apenas enumerando ou descrevendo os elementos, mas relacionando-os, a fim de retirar as idéias principais?
- É capaz de antecipar o fim de uma história?
- É capaz de fazer classificações simples, como por exemplo: laranjas, bananas e abacaxis são frutas; sapatos, vestidos e meias fazem parte do vestuário?

### 2. Base de experiências

- Que conta a criança a respeito de sua casa?
- Quando chega à escola, depois do fim de semana, que diz que fez?
- O que traz à escola a fim de mostrar aos colegas?
- Introduz experiências de casa ou da comunidade, quando interpreta gravuras ou quando conversa?
- Refere-se à experiências próprias comparando-as com as dos personagens da história que ouve ou com as experiências contadas pelos colegas?
- Menciona passeios ou diz que já viu objetos ou coisas semelhantes aos da gravura exposta no quadro de novidades?
- Que experiências revelam seus desenhos e as histórias que inventa?
- O que se pode deduzir da maneira como toma parte em dramatização?
- Quando participa de um brinquedo, com duas ou três crianças, como se comporta?
- Como maneja apetrechos escolares?
- Que objetos lhe parecem estranhos?
- Encontra com facilidade o caminho da escola? Ou é trazida por alguém?
- Arruma seu material sem necessidade de ajuda?
- Faz as coisas sozinho?

### 3. Condições físicas

- Mostra sinais de dificuldades visuais?
- Esfrega os olhos?
- Protege-os contra a luz?
- Os seus olhos são vermelhos ou lacrimosos?
- Suas pálpebras são granuladas?

- É estrábica?
- Entorta sempre a cabeça para determinado lado, quando quer ver alguma coisa?
- Parece identificar palavras a certa distância, tendo, no entanto dificuldade em reconhecê-las, quando nou- tro lugar?
- Queixa-se de dores de cabeça ou dos olhos?
- Há sinais que não ouve bem?
- Parece desatenta ou devaneadora?
- Tem hábito de virar a cabeça para certo lado, quando tem que ouvir algo?
- Ouve com a boca aberta ou faz concha em um dos ouvidos com a mão, quando lhe falam?
- Confunde palavras de pronúncia semelhante?
- Quando tem de repetir o que o professor disse troca palavras por outras de som semelhante?
- Há sons que a criança não é capaz de pronunciar?
- Fala ainda como um bebêzinho, isto é, balbuciando?
- Frequenta regularmente a escola?
- Cansa-se muito facilmente?
- Mostra-se distraída?
- Respira pela boca em vez de pelo nariz?
- Pede para ir ao banheiro com frequência?
- Tem bom controle muscular?

#### 4. **Atenção**

- Se está trabalhando em grupo, por quanto tempo a criança se concentra na atividade?
- Quais são as atividades que lhe atraem a atenção com maior facilidade?
- Concentra-se nos jogos?
- Quando a atividade é um pouco abstrata, consegue acompanhá-la?

#### 5. **Resolução de situações problemáticas**

- Parece raciocinar com clareza?
- É capaz de se valer de uma experiência anterior, para solver um problema?
- Quando discorda de outras crianças, revela certa lógica em seus argumentos?

#### 6. **Observância de ordens**

- Lembra-se do material de que precisa para realizar um trabalho?
- Consegue realizar um projeto sozinho, lembrando-se bem de todas as instruções dadas preliminarmente?
- Recorda-se dos planos feitos em classe depois de algum tempo?
- Segue as instruções dadas para um jogo ou outra atividade?
- Pede com frequência para ser repetida uma instrução?

#### 7. **Discriminação visual**

- Percebe semelhanças e diferenças grandes e pequenas em cores, tamanhos, posições, formas, contornos e particularidades internas entre objetos?
- É capaz de acompanhar com os olhos uma linha?
- Reconhece o seu nome, quando o vê escrito, assim como, legendas, letreiros encontrados na classe?
- Nota mudanças nas legendas?

#### 8. **Discriminação auditiva**

- É sensível aos sons?
- Nota diferença entre, intensidade, altura, timbre, duração e seqüência dos vários tipos de sons?
- Como reage a rimas?
- Tem prazer em repetir sons onomatopaicos?
- Presta atenção em palavras muito longas ou muito curtas?

#### 9. **Interesse em aprender a ler**

- Passa algum tempo olhando gravuras de livros?
- Cita livros onde viu gravuras de animais ou coisas encontradas?
- Traz livros de que gosta, de casa, para mostrar aos colegas?
- Diz que seus pais lêem para ela?
- Pede ao professor que leia histórias?
- Pergunta pela hora de histórias?
- Se uma sentença foi colocada ao lado de uma gravura a criança procura saber o que diz?

- Quando uma notícia é colocada no quadro de avisos, mostra-se curiosa por saber o que é?
- Tem noção das oportunidades de leitura que aparecem fora da classe?

#### 10. Ajustamento social e emocional

- Tem amigos?
- Reparte o que tem com os colegas?
- Ajuda-os?
- Brinca espontânea e naturalmente com os outros?
- Trabalha bem e independentemente?
- Chama o professor a todo momento?
- Pede ajuda do professor para resolver «casos» com os colegas?
- Recorre com frequência ao choro?
- É agressiva? Egoísta? Teimosa?
- Como reage quando tem que fazer o que não quer?
- Tem crises de birra?

#### AUTO OBSERVAÇÃO DOS HÁBITOS DE ESTUDO

Nome: ..... Idade: ..... Sexo: ..... Data: .....

Professora: ..... Escola: .....

Marque com uma cruz as coisas que você sempre faz. Com um zero as que você nunca faz ou faz de vez em quando:

1. Preparo meu material de estudo antes de começar a estudar.
2. Procuro um lugar calmo e silencioso.
3. Planejo meu estudo de acordo com o tempo que tenho.
4. Sei que em livros e cadernos devo procurar as informações.
5. Consulto o dicionário quando não sei uma palavra.
6. Pergunto a uma pessoa mais capaz, quando não sei resolver um problema ou escrever uma palavra.
7. Peço a outra pessoa para me tomar a lição que estudei.
8. Presto atenção às correções que a professora faz no meu caderno.
9. Os pontos em que eu tenho procurado me corrigir são:
10. Os pontos em que eu já consegui me corrigir são:
11. Os pontos em que eu ainda preciso me corrigir são:

## A UTILIZAÇÃO DAS OBSERVAÇÕES FEITAS SOBRE A CRIANÇA

I — Pela professora de classe.

### 1. pessoal

- a. formação de atitude objetiva diante das crianças
  - aprender a senti-las, em vez de projetar-se sobre elas;
- b. formação de técnicas de observação
  - seleção de aspectos significativos a observar;
  - técnicas de registro e formação de pastas documentário sobre os alunos;
  - apurar a observação informal, incluindo aspectos ou crianças que, de outra forma passariam despercebidos.

### 2. em relação à criança

- identificação das diferenças individuais (não se pode ter a pretensão de esgotar todos os aspectos, como no estudo clínico de casos. Mas é importante e possível reconhecer os traços mais significativos em cada criança, por exemplo interesses, aptidões especiais, problemas emotivos, etc.);
- orientação no trato com a criança — a observação bem feita poupará esforços, indicando ao professor inúmeros meios de ajudar, corrigir e orientar o trabalho com as crianças;
- identificação de desvios da normalidade (ex.: deficiências sensoriais; tensão nervosa exagerada; problemas sérios de comportamento);
- mobilização de recursos para atender aos problemas verificados (ex.: encaminhamento a tratamento médico; a serviços de orientação psicológica, a classes ou escolas especiais).

## II — Na Escola Normal.

### 1. utilidades dos hábitos e técnicas de observação para a futura professora

- a. como motivação — observações e relatos, analisáveis em classe;
- b. como atividades de desenvolvimento — observação de aspectos específicos; relatos colecionáveis, formando na aluna, hábitos de exatidão e conservação de materiais úteis;
- c. como atividades culminantes — acompanhando projetos desenvolvidos, individualmente ou em grupo;
- d. como material de avaliação — relacionando situações concretas com os objetos previstos em projetos, excursões, etc.;
- e. como material específico para o ensino de atividades didáticas — nesse caso, a professora orientará a turma para a confecção de cadernos de observação, preparando com as alunas os objetivos, planos de caderno, atividades a desenvolver, etc.

## ESTÁGIO DE PARTICIPAÇÃO

### Sugestões de atividades a serem desenvolvidas pelas alunas-mestras

1. Colaborar na decoração da sala de aula para a iniciação ou culminância de uma Unidade.
2. Corrigir exercícios escolares.
3. Ler histórias e poesias e dirigir outras atividades da biblioteca.
4. Trabalhar em pequenos grupos: aritmética, leitura, ortografia.
5. Ajudar nos recreios.
6. Participar de reuniões com os pais e atividades da comunidade e da escola.
7. Colecionar gravuras e outros materiais para estudo.

8. Planejar em colaboração com o professor de classe.
9. Auxiliar na cantina.
10. Auxiliar na escrituração da classe ou da escola.
11. Confeccionar cartazes, mapas, etc.
12. Visitar lugares e instituições para entendimentos prévios a respeito de excursões de classe.
13. Aplicar testes.
14. Corrigir testes objetivos, (escolaridade).
15. Ensinar jogos (estudo e recreação).
16. Preencher boletins.
17. Participar na direção de uma discussão em torno de um problema surgido na escola.
18. Preenchimento das fichas psico-pedagógicas.

## ESTÁGIO DE DIREÇÃO DE CLASSE

### ETAPAS:

#### 1 hora de direção

- aulas das diversas disciplinas.
- aulas correlacionadas.
- atividades de recreação (educação física).
- atividades de educação física musicada.
- atividades artísticas: música, canto, trabalhos manuais, pintura, desenho, etc.

#### 1 dia de direção

- atividades desenvolvidas de maneira correlacionada ou globalizada.

#### 5 ou mais dias de direção

- atividades desenvolvidas no período de Regência de classe.

## AUTO — AVALIAÇÃO

Após o desenvolvimento dos trabalhos de Prática de Ensino, aconselhamos à aluna-mestra esta auto-avaliação.

VOCE:

1. Julga-se simpática às crianças?
2. Tem relações amistosas com elas?
3. Esforça-se para satisfazer as suas necessidades?
4. Consegue que elas trabalhem com o objetivo definido e com entusiasmo?
5. Promove oportunidades para que elas trabalhem em co-  
operação?
6. Consegue planejar suas atividades docentes com a co-  
laboração delas?
7. Consegue o crescimento das crianças em trabalho indivi-  
dual e independente e em trabalho de grupo?
8. Tem conseguido progresso das crianças no domínio de si  
mesma?
9. Faz avaliação contínua do seu trabalho e o das crianças?
10. Consegue que elas façam também a auto-avaliação?

**APRECIACÃO DAS ATIVIDADES DE PRÁTICA DE ENSINO  
DESENVOLVIDAS DURANTE O ANO LETIVO, QUE  
PODERÁ SER FEITA PELA ALUNA-MESTRA**

Cara aluna:

Ao encerrar este ano letivo, procure analisar as atividades desenvolvidas, as experiências adquiridas, a matéria estudada, os processos adotados e responda as questões abaixo. Agradecemos sua colaboração, para nós tão valiosa. Seja espontânea e sincera.

1. O que mais a interessou no trabalho de Prática de Ensino?
2. Pôde sentir as responsabilidades do professor primário?
3. Que benefícios esta prática lhe trouxe realmente?
4. Em que aspectos principais pensa que esta prática ajuda-la-á nos trabalhos futuros?
5. Encontrou alguma dificuldade especial?
6. Que atividades você considera mais ricas de experiências?
7. Que assunto lhe foi de mais difícil compreensão?
8. Cite algumas experiências no seu estágio que considera mais úteis na Regência de Classe?

9. Quais as técnicas de ensino conhecidas que mais se adaptam à sua personalidade?
10. Quais foram os pontos fracos da Prática de Ensino?
11. Que sugestões você apresentaria em relação à orientação recebida, quanto ao tempo de estágio e quanto ao tipo de trabalho?

**APRECIÇÃO GERAL DO ALUNO NOS TRABALHOS DE EQUIPE QUANDO PARTICIPANTE OU APENAS OBSERVADOR**

	Conceito
1. Participação eficiente nos trabalhos de equipe.	
2. Interêsse demonstrado pelo progresso dos companheiros.	
3. Assiduidade e pontualidade nas reuniões da equipe.	
4. Correção de atitudes, lealdade, respeito aos direitos alheios.	
5. Volume de contribuições próprias trazidas para o trabalho de equipe.	
6. Método de trabalho, capacidade de organização, disciplina.	
7. Persistência no trabalho, continuidade, capacidade de esforço.	
8. Poder criador, imaginação, originalidade, capacidade de iniciativa.	
9. Cultura extra-escolar demonstrada, atualização com os problemas gerais.	
10. Esportividade, alegria, bom humor, interêsse conciliatório nos conflitos, etc.	
Conceitos:	
fracquíssimo	— A
fraco	— B
regular	— C
bom	— D
ótimo	— E

**CRITÉRIO DE JULGAMENTO DAS ATIVIDADES REALIZADAS**

**PELA ALUNA:** .....

	Conceito
<b>I — Qualidades Profissionais</b>	
Boa apresentação (cuidados pessoais)	
Propriedade de vestuário	
Procedimento exemplar	
Preocupação com a saúde	
Voz firme, agradável, convincente, volume normal	
Linguagem fluente, clara, simples, correta expressiva	
Mímica ordenada expressiva	
Otimismo	
Compreensão	
Auto-direção	
Auto-domínio	
Espírito de iniciativa	
Paciência	
Entusiasmo	
Capacidade criativa	
Aptidão para incentivar	
Perseverança	
Presença de espírito	
Espontaneidade	
Capacidade de adaptação	
Compreensão e respeito pelas diferenças físicas, mentais, emocionais, religiosas, raciais, socio-econômico e de nacionalidade	
Objetividade frente aos problemas	
Sensatez	
Espírito de cooperação	
Interêsse pela profissão	
Dedicação ao trabalho	
Idealismo	
Espírito de responsabilidade	
Liderança	
Reconhecimento das próprias possibilidades	

	Conceito
<p>Boas maneiras, finura, tato, cortezia Boa receptividade (procura e aceita sugestões) Equilíbrio emocional Confiança em si mesma Espírito de justiça Lealdade Cultura geral e artística e capacidade de aproveitamento no ensino Capacidade de trabalhar em equipe Capacidade de organização</p> <p>II — Planejamento da Aula</p> <p>Determinação dos objetivos a serem alcançados Preocupação com o nível da classe Previsão do tempo disponível Matéria — assunto (dados essenciais) Motivação (incentivo, criação ou aproveitamento de interesses infantis) Métodos, processos, técnicas Seleção do material didático</p> <p><b>Nota:</b> — Avaliação que poderá ser feita apenas pela professora de Prática.</p>	
<p>III — Apresentação da matéria</p> <p>Conhecimentos precisos Início de aula sem rodeios desnecessários Motivação inicial e manutenção do interesse Relação com as demais disciplinas Partida de conhecimentos anteriormente adquiridos Emprego correto das técnicas planejadas Uso adequado do material didático — ordenação — oportunidade da apresentação</p>	

	Conceito
<p>— apela para o maior número de sentidos — aguça e desperta a observação infantil — não falha nas experiências — usa flanelógrafo, gráficos, desenho pedagógico, gravuras, projeções, fotografias — apresenta a própria realidade</p> <p>Uso técnico do quadro-negro: — disposição, ordem, legibilidade (luz, tamanho, forma das letras) — limpo no início e no fim da aula, uso do apagador</p> <p>Comprovação de adequação ao nível da classe Uso eficiente do tempo disponível Linguagem correta e acessível Preocupação com a compreensão do ensinado Apresentação de forma correlacionada ou globalizada Apreciação dos trabalhos Dosagem da matéria Preocupação com a fixação dos dados essenciais e com a verificação Apresentação dos problemas que exijam reflexão Estimula a contribuição, a colaboração entre os alunos Orienta o estudo em casa Preocupação com o enriquecimento do vocabulário, quanto à forma e ao significado Preocupação com a correção dos erros cometidos Preocupação em desenvolver hábitos de estudo Preocupação em obter a participação ativa dos alunos Preocupação com diferenças individuais</p>	
<p>IV — Manejo de classe</p> <p>Normalidade da rotina de funcionamento Instruções específicas sobre: — livros, cadernos e material que devem trazer; atrasos, licença para sair, prazos de entrega de tarefas, inspeção periódica;</p>	



	Conceito
<ul style="list-style-type: none"> <li>— funcionamento de grupos de trabalho, as arguições, as revisões, as provas, etc.;</li> <li>— o método de estudar, como tomar notas, como usar cadernos de classe, etc.;</li> <li>— as atividades, o comportamento e a sociabilidade</li> </ul> <p>Seqüência ordenada na marcha das aulas — por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— coleta de dados</li> <li>— breves interrogatórios recapitulativos</li> <li>— autocorreção em aula</li> <li>— apresentação de resumos</li> <li>— tarefas ou estudos para a próxima aula</li> </ul> <p>Ocupação mental intensiva da classe toda:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— trabalho com a turma toda, com tarefas definidas e imediatas</li> </ul> <p>Rodizio dos alunos nas responsabilidades:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— dando oportunidade de colaboração nos trabalhos e participação em funções de responsabilidade.</li> </ul>	
V — Reação da classe	
<p>Interesse Participação Contribuição (aquisição do material didático, planejamento de atividades, etc.) Auto disciplina Aproveitamento</p>	
VI — Arranjo da sala	
<p>Ventilação e iluminação higiênica Disposição das carteiras, mesas e armários que possibilitem uma boa circulação e desenvolvimento das atividades programadas</p>	

	Conceito										
<p>Enfeites desnecessários que dispersem a atenção e atentem ao bom gosto Cantinho das matérias</p>											
<p><b>Obs.:</b> — O conceito lançado nesta ficha deverá ser a média dos conceitos dados pela professora de Prática de Ensino (ou sua colaboradora) e a professora regente de classe da Escola de Aplicação.</p>											
<p>Conceitos:</p> <table style="margin-left: 40px;"> <tr> <td>fracquíssimo</td> <td>— A</td> </tr> <tr> <td>fraco</td> <td>— B</td> </tr> <tr> <td>regular</td> <td>— C</td> </tr> <tr> <td>bom</td> <td>— D</td> </tr> <tr> <td>ótimo</td> <td>— E</td> </tr> </table>	fracquíssimo	— A	fraco	— B	regular	— C	bom	— D	ótimo	— E	
fracquíssimo	— A										
fraco	— B										
regular	— C										
bom	— D										
ótimo	— E										

## BIBLIOGRAFIA

- VITALI, Anneti — «Diretrizes para a Supervisão da Prática de Ensino» — Monografia apresentada na PABAE — 1960.
- MATOS, Luiz Alves de — «Sumário de Didática Geral» — 3ª edição — Editora Aurora.
- LIMA, Lauro de Oliveira — «A Escola Secundária Moderna» — Fundo de Cultura.
- Professôras do Instituto de Educação do Estado da Guanabara — «Didática do Ensino Primário» — 8ª edição refundida — Conquista.
- SÚMULAS DO PABAE —
- MOREIRA, J. Roberto — «Teoria e Prática da Escola Elementar» — INEP Rio de Janeiro.
- MARQUES, Lúcia Pinheiro — «Súmulas do Ministério de Educação e Cultura» — Rio de Janeiro — Curso de Formação de Professôres.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS



00057790

Paraná, Secretaria de Educação e Cultura

Prática de ensino nas escolas normais de grau colegial

370.733/P223///

(224,846)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
**BIBLIOTECA CENTRAL**

Paraná, Secretaria de Educação e Cultura

Prática de ensino nas escolas normais de grau colegial

370.733/P223///

(224,846)